



## ENTRE CÂNONES: O ESPAÇO DA MULHER NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA – UM PANORAMA ESTATÍSTICO

Ana Paula Giannini RYDLEWSKI<sup>1</sup>  
Maria Paz Pizarro PORTILLA<sup>2</sup>

**RESUMO:** Em plena contemporaneidade, ainda nos deparamos com discursos cristalizados que afastam as mulheres dos espaços de poder existentes em diversas áreas do conhecimento humano. Durante vários séculos, a pergunta que se fez necessária foi: onde estavam as mulheres? Mais que isso, onde estavam as mulheres escritoras? Não existiam? Não produziam? Não publicavam suas obras? Certamente, estavam todas ali presentes em suas épocas, pensadoras da política, da sociologia, da educação, das áreas de exatas, das artes, e, obviamente, também da literatura, assim como as existentes nos dias atuais. Focado no conceito de *memoricídio*, segundo o qual há um apagamento sistemático da memória histórica, este artigo investiga sincrônica e diacronicamente a representatividade da mulher escritora contemporânea brasileira no cânone, e, mais que isso, na ponta final da cadeia do livro: as bibliotecas e as mãos dos leitores e das leitoras. A partir de uma pesquisa quantitativa realizada entre coletivos de literatura feminina – e feminista – existentes na internet, revelou-se o perfil de mulheres que fazem da arte de escrever seus ofícios, seus lugares de fala e de afirmação de seus valores, em um mundo de representatividade majoritariamente masculina. A investigação constatou a diversidade e a riqueza criativa das escritoras abordadas em uma miscelânea de histórias e vivências que vão muito além da elaboração de obras literárias de inegável qualidade artística. A pesquisa revela, acima de tudo, um esforço conjunto – consciente ou não – de escritoras brasileiras de nosso século, nas ações afirmativas de suas vozes – ou letras – em busca da conquista de um espaço de perpetuação da memória da literatura produzida por mulheres de língua lusófona, galgando mais um degrau em busca da equidade de direitos entre gêneros em todos os espectros socioculturais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autoria feminina. Literatura brasileira contemporânea.

---

1 Graduada em Letras Língua Portuguesa Bacharelado (Universidade Estácio de Sá), atriz, escritora, dramaturga e produtora cultural. Endereço eletrônico: <palcoproducoes@hotmail.com>.

2 Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense, mestra em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e graduada em Informática pela Universidad de Deusto, Bilbao-Espanha e em Letras Português-Espanhol pela Universidade Paulista – UNIP. Docente da Universidade Estácio de Sá. <docentes@estacio.br>.



## BETWEEN CANONS: THE SPACE OF WOMEN IN CONTEMPORARY BRAZILIAN LITERATURE - A STATISTICAL OVERVIEW

**ABSTRACT:** In contemporary times, we still come across crystallized discourses that distance women from the spaces of power that exist in different areas of human knowledge. For several centuries, the necessary question was: where were the women? More than that, where were the women writers? Didn't they exist? Didn't they produce? Didn't they publish their works? Certainly, they were all present in their times, thinkers of politics, sociology, education, the areas of exact sciences, the arts, and, obviously, also literature, just like those existing today. Focused on the concept of memoricide, according to which there is a systematic erasure of historical memory, this article synchronically and diachronically investigates the representation of contemporary Brazilian women writers in the canon, and, more than that, at the final end of the book chain: libraries and the hands of readers. From quantitative research carried out among collectives of female - and feminist - literature existing on the internet, the profile of women who make the art of writing their jobs, their places of speech and affirmation of their values, in a world majority male representation. The investigation found the diversity and creative richness of the writers covered in a miscellany of stories and experiences that go far beyond the creation of literary works of undeniable artistic quality. The research reveals, above all, a joint effort - conscious or not - of Brazilian women writers of our century, in the affirmative actions of their voices - or letters - in search of the conquest of a space for perpetuating the memory of literature produced by women of Lusophone language, taking another step forward in search of equal rights between genders across all sociocultural spectrums.

**KEY WORDS:** Female authorship. Contemporary Brazilian literature.

### INTRODUÇÃO

*Entre Cânones - O Espaço da Mulher na Literatura Contemporânea Brasileira - Um Panorama Estatístico* investiga o espaço ocupado por mulheres escritoras na literatura brasileira contemporânea em um recorte que aborda as duas primeiras décadas do século XXI. A pesquisa está baseada no campo de saber "Literatura Brasileira", mas flerta com saberes que se interrelacionam com os temas "Escrita Criativa" e "Teoria da Literatura", ao focar o cânone como espaço de poder.



O poder, uma prática social que se encontra inserida no cerne de nossa sociedade, pode ser conceituado como uma relação de disputa entre forças antagônicas, e encontra lugar em diferentes extratos socioculturais. Atualmente, o conceito de “espaço de poder” pode ser aplicado aos mais diversos territórios de influência e convívio, desde os mais cotidianos e singelos, como a família e os relacionamentos afetivos, até os mais elaborados, como os Estados, a tecnologia, a indústria, a política e, claramente, também a literatura.

Pensar em literatura enquanto espaço de poder é entendê-la como uma estrutura construída e alicerçada em interesses socioculturais temporais nos quais o que realmente se disputa é o reconhecimento e, conseqüentemente, a atenção da crítica e do público leitor. Assim, ao eleger determinadas obras em detrimento de outras, o cânone se pauta em um sistema complexo de inclusão e exclusão, deixando de lado, ou melhor, descartando parcelas de “literatura” existentes – e, conseqüentemente, escritores ou escritoras que as produzem – que possam vir a ser consideradas como de menor importância.

Quais são as obras excluídas deste sistema eletivo? As produzidas nas periferias? As de cultura popular, frutos da oralidade e de saberes advindos do senso comum? As produzidas por mulheres? Esta pesquisa investiga a última opção dentre as questões apontadas. Qual seria a representatividade de autorias femininas brasileiras nos cânones, ou melhor, nas prateleiras das bibliotecas e nas mãos dos leitores do nosso século?

## CEM ANOS DE EXCLUSÃO

A discussão acerca da pouca representatividade da mulher na literatura não é algo recente, tampouco é um privilégio do nosso século, bas-



ta uma rápida busca nos anais da nossa literatura para percebemos o abismo quantitativo entre escritores do sexo masculino e as autoras de gênero feminino. Uma amostra disto pode ser encontrada, por exemplo, no livro finalista ao Prêmio Jabuti, *Os Cem Melhores Contos do Século*, de Ítalo Moriconi, lançado pela Ed. Objetiva. A obra, que elege cem contos escritos no século XX como os mais representativos desta época, traz em seu sumário textos organizados por períodos ou décadas. Assim, logo ao iniciar o livro, o leitor se depara com 12 contos de autores homens contra apenas 1 de autora mulher do período compreendido entre os anos de 1900 e 1930. Já, entre os anos de 1940 e 50, percebe-se que o autor selecionou 14 contos de escritores contra 2 de escritoras. Nos anos de 1960, com o surgimento das autoras Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles, o leitor poderá perceber uma certa reação, embora bastante tímida, por parte da autoria feminina, no equilíbrio entre os textos selecionados. Assim, naquela década, percebem-se 10 contos de autores homens contra 5 de escritoras, bem como 15 contra 5, nos anos de 1970.

Sobre este período, Heloísa Buarque de Hollanda, em *Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil: uma primeira abordagem*, diz:

A partir do final da década de 70, vários estudos começam a identificar uma “insistente presença da voz feminista” como um dos traços mais salientes da cultura pós-moderna. [...] as mulheres estão descobrindo uma coisa que pode causar uma incrível revolução no ocidente, alguma coisa que a dominação (masculina) nunca abriu mão de ocultar: a ausência do significante, ou seja, a classe que se estabelece sobre todas as classes é apenas uma entre muitas (HOLLANDA, 2021, s. p.).

O livro segue até a década de 1990 e traz 11 textos masculinos contra 7 femininos, nos anos de 1980, além de 15 de escritores contra 2 de escritoras, nos anos de 1990.

Se nos detivermos rapidamente nos números apresentados pelo demonstrativo acima e traçarmos um gráfico imaginário considerando o microcosmos do livro como representativo – um recorte da realidade em um compêndio –, perceberemos que pouco ou quase nada mudou em quase um século na literatura brasileira, no que tange à desigualdade de representatividade entre escritores homens e escritoras mulheres. Para tal percepção, basta comparar a proporção ente escritoras e escritores na primeira parte da antologia (12 x 1, nos anos 1900 a 1930) à apresentada na última parte da coletânea, 60 anos mais tarde (15 x 2, nos anos de 1990). Aparentemente, pouco ou nada mudou. E a pergunta que se faz necessária é: onde estavam as mulheres escritoras durante estes períodos? Não existiam? Não produziam? Não publicavam suas obras? Certamente, ousamos divagar, estavam todas ali presentes, pensadoras da política, da sociologia, da educação, das artes, e, obviamente, também da literatura, assim como as de nossos dias. Percebe-se, porém, o apagamento – isto é, o *memoricídio*<sup>3</sup> ou esquecimento – de seus nomes da história, ou, ainda, daquilo que é eleito para que ecoe e seja perpetuado no cânone. Exemplo deste fato pode ser percebido na história de Julia Lopes de Almeida (1862 – 1934), cronista, dramaturga e abolicionista que, segundo Marina Romanelli em *A Representatividade Feminina na Literatura Brasileira*, na inauguração oficial da *Academia Brasileira de Letras*, em 1897, protagonizou a primeira história de exclusão feminina do rol dos escritores chamados de imor-

---

3 “O termo *memoricídio* tornou-se conhecido durante o *XVIII Seminário Internacional Mulher & Literatura*, utilizado pela professora Dra. Constância Lima Duarte ao referir-se ao apagamento das escritoras da História e da Literatura com o intuito de silenciá-las e invisibilizar suas produções intelectuais” (CASTRO, Carla Pereira de. In: *Memoricídio: o apagamento da literatura de autoria feminina cearense do século XIX*, UFC)



tais. Ainda segundo a autora, seguindo a tradição da *Academia Francesa de Letras*, a brasileira deveria contar com 40 membros convidados. Entre os convidados, aparece o nome da escritora Júlia Lopes de Almeida, uma das idealizadoras da academia. No entanto, embora anunciada na listagem publicada na coluna *Cartas Literárias*, datada de 3 de dezembro de 1896 e assinada por Lúcio Mendonça, no *Jornal O Estado de São Paulo*, Júlia jamais ocupou cadeira na Academia, tampouco seu nome figura na ata de inauguração da ABL.

A desculpa usada para sua exclusão foi que a Academia Brasileira de Letras fora concebida aos moldes da Francesa, que não aceitava mulheres, então Filinto de Almeida, seu marido, foi eleito membro, supostamente tomando o lugar que por direito pertencia à sua esposa. Em entrevista à pesquisadora Rosane Salomoni, Filinto de Almeida confidenciou “nunca disse isso a ninguém, mas há muito que o penso. Não era eu que deveria estar na Academia, era ela”. (ROMANELLI, 2014, s. p.)

## OUTROS OLHARES

Quando se fala em mulheres contemporâneas, que mulheres costumamos imaginar? De quais escritoras realmente falamos? Brancas, negras, indígenas, ciganas, mulheres cis ou trans, representantes de que classes sociais? Que outros recortes femininos podemos utilizar para representá-las? Mais que isso, quais são as histórias que estas escritoras contam? Haverá uma voz feminina na literatura produzida por mulheres? Se a resposta encontrada for um sim, o que de fato representaria esta escrita a que chamamos voz? Para a autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, “[...] histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade perdida [...]” (ADICHIE, s.d., s.p.), pois segundo a escritora, através das histórias podemos nos reconhecer em outras vozes, percebendo, deste modo, muitos outros modos possíveis de existência. Desse modo, ler textos produzidos por mulhe-



res pode ser uma forma de enxergar o mundo a partir de outras perspectivas, uma maneira de nos reconhecemos no outro, legitimando diversos possíveis sujeitos e suas histórias, subvertendo, desse modo, a ideia de poder e autoridade que foi sistematicamente relacionada ao gênero, à etnia e mesmo à classe social ao longo da história da literatura.

Em pleno século XXI, a literatura brasileira e mesmo a universal ainda é um território ocupado majoritariamente por representantes do sexo masculino. Se considerarmos, por exemplo, os romances laureados ao longo dos 62 anos de Prêmio Jabuti – um dos maiores da língua portuguesa –, perceberemos que 52 escritores receberam o prêmio na categoria. Já para as escritoras, a premiação foi concedida 11 vezes. Isso não acontece porque os homens têm maior capacidade ou porque possuem um repertório de melhores histórias para escrever que as mulheres. É preciso ter em mente que, historicamente, durante muitos séculos, as pressões socioculturais sobre o sexo feminino afastaram as mulheres do foco das atividades intelectuais e, mais que isso, em muitos momentos, tais atividades, quando exercidas por mulheres, eram consideradas como sérias transgressões. Assim, esta desvantagem social presente na construção das sociedades ocidentais desde tempos imemoriais fez com que a produção literária feminina que conseguiu chegar até nós fosse numericamente inferior à produzida por homens. Escritoras mulheres de talento certamente estavam presentes em todos os momentos de nossa história, suas obras, no entanto, não puderam lograr êxito de chegar até nós, dado o contexto no qual foram criadas, gerando um equívoco que associa a “produção textual masculina” ao sinônimo de “padrão de qualidade”.

Na contramão desta realidade, no entanto, a presença de mulheres na literatura é tão forte e fundamental quanto o é em outras tantas áreas do saber em que o feminino ganha representatividade maior ao longo dos



anos. Nas primeiras décadas do século XXI – recorte desta pesquisa –, um grande número de escritoras conquistou seu espaço com livros das mais diferentes temáticas, produzidos para variados públicos de leitores. Como estratégia, entre as escritoras contemporâneas, sobretudo no Brasil, surgiram movimentos em busca desta maior representatividade no mundo das letras, que vêm galgando grandes conquistas. Estes movimentos funcionam a partir da reunião dessas mulheres criativas em grupos que, em um neologismo, funcionam como “coletivos”. Dezenas, se não centenas, desses coletivos femininos de literatura, surgiram nas últimas décadas. São grupos que se organizam para mostrar seus trabalhos, estudar, pensar, aperfeiçoar, publicar, ler e discutir literatura, sobretudo com o auxílio da internet, encontrando ali o seu público leitor.

Entretanto, por mais que se esteja avançando em direção à sonhada representatividade e, mesmo que alguns movimentos de destaque venham sendo criados e mantidos neste sentido – como o Coletivo As Contistas e o Mulherio das Letras, que serão abordados a seguir nesta pesquisa –, ainda ecoa a questão basilar: quantos livros escritos por mulheres lemos, por exemplo, no último ano?

## ESCREVENDO NO SÉCULO DA VELOCIDADE

Ler mulheres parece ainda estar longe de ser algo que se considere um hábito. Em contraponto a esta máxima, a pesquisa objetiva lança um olhar de atenção à literatura contemporânea produzida por mulheres no Brasil durante a primeira e a segunda décadas do Século XXI. Durante este período, sobretudo com a disseminação da *internet* em aspecto mais amplo, o que se pôde perceber foi a germinação de sementes em campo

fértil e propício para o encontro de escritoras com objetivos análogos e que se relacionam mutuamente.

O que escrevem estas mulheres? O que buscam? Que estilos, temas e compromissos permeiam os seus discursos? Quem são suas personagens? E quem são os seus leitores?

Mapear, ou melhor, identificar algumas das escritoras brasileiras contemporâneas em seus mais diversos recortes, ainda que de modo restrito ao *corpus* da pesquisa, se faz necessário para que possamos refletir acerca da produção literária de mulheres em nossos dias. Quem é a mulher escritora brasileira contemporânea, em estatísticas quantitativas e qualitativas, sob o ponto de vista sociocultural?, e quais as vozes representadas por estas escritoras? é o que buscamos, se não responder – o que seria tarefa quase impossível, dadas a velocidade e a diversidade com que caminham as discussões sobre a identidade de gênero, entre outros fatores dos dias atuais de Modernidade Líquida<sup>4</sup> –, ao menos investigar, criando um quadro o mais fidedigno possível, dos perfis encontrados durante esta jornada.

## ENTRE A SINCRONIA E A DIACRONIA

A pesquisa se alicerça em três distintas abordagens. A primeira parte da revisão de literatura busca reconhecer, no estado da arte, o discurso que, se por um lado investiga a questão da mulher na literatura, por outro, em certa medida, a pauta, visto que a questão do cânone parte, também,

---

4 As principais características da modernidade líquida, segundo Z. Bauman [...] são desapego, provisoriade e acelerado processo da individualização; tempo de liberdade, ao mesmo tempo, de insegurança. Tal contexto pode ser definido pela palavra alemã *Unsicherheit* que significa: falta de segurança, de certeza e de garantia” (TFOUNI, Fabio Elias Verdiani; SILVA, Nilce da. A modernidade líquida: o sujeito e a interface com o fantasma. *Revista Mal Estar*, Fortaleza, 2008. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482008000100009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482008000100009). Acesso em 10. set. 2022.

da academia e das leituras críticas produzidas e sugeridas por nossos pares dentro das universidades, tanto para egressos, quanto para acadêmicos.

Na segunda etapa da pesquisa, vai-se a campo, ainda que um campo virtual, e se aplica um questionário com questões estruturadas abertas, convidando escritoras frequentadoras dos coletivos abordados na pesquisa a responder a 18 perguntas de modo espontâneo. Um total de 68 escritoras brasileiras – com idades variando entre 21 e 65 anos, a maioria apontando para as idades de 43, 50 e 58 anos, residentes em diversos estados do território nacional e mesmo em outros países – atendeu ao chamado.

A terceira abordagem se dá de modo empírico, já que a pesquisadora é escritora e frequentadora dos coletivos de literatura abordados. Mais sutil que as demais abordagens, este ponto de vista deverá focar as obras de algumas das autoras pesquisadas: os livros que escreveram, os projetos futuros, os textos que publicaram de modo físico ou virtual, seus estilos, os prêmios que conquistaram.

Os coletivos literários observados são compostos por dezenas (As Contistas) e milhares (Mulherio das Letras) de escritoras de perfis que, se por um lado, são diversos e independentes entre si, por outro, estão irmanados no neologismo que pauta estes grupos como ideário: a sororidade<sup>5</sup> literária.

Eram quatro, talvez uma pequena família / altas, longilíneas femininas mesmo que alguma fosse macho entre as quatro, uma menina. / Assombrou-me a coreografia / quatro sílfides sem asas em seus trajes vistosíssimos deslocando-se pela planície árida em direção às águas do lago cinza. / [nunca havia pensado na dificuldade em beber água que uma girafa,

---

5 Sentimento de irmandade, empatia, solidariedade e união entre as mulheres, por compartilharem uma identidade de gênero; conduta ou atitude que reflete este sentimento, especialmente em oposição a todas as formas de exclusão, opressão e violência contra as mulheres. [Do latim *soror*, ‘irmã’ + *-(i)dade*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/sororidade>.



tão alta com um pescoço tão comprido teria] / Apenas uma se abaixa nem tão graciosa as patas dianteiras inclinadas e o pescoço fazendo chegar à superfície d'água a longa língua enquanto as outras / um focinho para cada lado vigiam. / Sem trocar uma palavra, / sem ensaio amor ao próximo ou doutrina sem se chamarem manas<sup>6</sup> / talvez até sem amizade praticavam sororidade instintiva. / Cativas só nas retinas / nem vídeo, nem foto / passados mais de dez anos seguem dançando as girafas e eu com elas em dívida (RIBEIRO, 2022, s. p.).

Para esta terceira abordagem, a pesquisadora toma emprestado, ainda, o conceito de sincronia e de diacronia do linguista Ferdinand Saussure, utilizando-os como comparativos entre o momento sincrônico e horizontal, aquele presente em que escritoras pululam vigor produtivo e talento, em contraponto a uma possível progressão diacrônica de construção do cânone. A pergunta que permanecerá para os futuros pesquisadores que porventura se utilizem deste artigo será: as autoras contemporâneas permanecerão e passarão, em maior número, a pertencer ao espaço de poder de pertencimento, ao cânone e aos leitores das próximas gerações? Só o tempo poderá lançar luz sobre esta questão.

## PONTO CEGO

Há um ponto nas abordagens da pesquisa de campo, assim como na empírica, porém, que deverá ser ponderado, pois poderá funcionar como um fator limitante para os resultados encontrados: as autoras abordadas, ainda que bastante diversas no contexto sociocultural, estão inseridas no espaço virtual, possuindo todas acesso à internet, o que exclui, automaticamente, de nosso campo de visão, aquelas, certamente existentes

---

<sup>6</sup> Aqui, há que se acionar o conhecimento de mundo do leitor: as escritoras que frequentam o Coletivo Mulherio das Letras costumam se dirigir umas às outras como manas.



que, porventura, não possuam acesso às ferramentas do mundo virtual, e, conseqüentemente, ao modelo de coletivo aqui abordado.

Outro ponto a ser levado em consideração no que se refere à literatura de autoria feminina é exatamente a nomenclatura. “Literatura de autoria feminina” pode fazer parecer que a literatura aqui abordada seja produzida por mulheres apenas para outras mulheres, o que não é, absolutamente, o objetivo da produção literária das escritoras contemporâneas.

Para quem se dedica ao estudo da literatura produzida por mulheres, “escrita feminina” é uma expressão considerada problemática por apresentar a ideia de um certo “essencialismo” supostamente encontrado na escrita de mulheres, como se fosse imanente a essa escrita a presença de certas temáticas e, principalmente, de determinadas formas de abordagem por meio da linguagem. O termo acobertaria então, sob o mesmo rótulo, escritas que apresentariam, em tese, uma uniformidade na linguagem e no modo de expressão. (PEREIRA, 2022, s.p.)

## AS ESCRITORAS BRASILEIRAS DE NOSSO SÉCULO – UM RECORTE

Cronistas de sua época, as escritoras contemporâneas brasileiras coabitam o tempo da velocidade de notícias e suas repercussões – a descoberta do “politicamente correto”, das *fakenews*, do lugar de fala<sup>7</sup> – e, sobretudo, a era da internet e suas redes sociais, o que não só permite a criação de um espaço de fala, poder e escrita próprios, como viabiliza a possibilidade de diálogos e encontros entre pessoas com objetivos congêneres.

Assim, abordadas dentro destes ambientes onde se reúnem – redes sociais –, as escritoras que responderam à pesquisa frequentam coletivos femini-

---

7 O conceito de lugar de fala se popularizou no Brasil com o livro da escritora Djamilia Ribeiro. Segundo a autora, o conceito remete ao local de fala do enunciador, sua realidade social, financeira e pessoal ao proferir um discurso sobre determinado tema.



nos (ou feministas) de literatura: ambientes estáveis, virtuais e colaborativos de mulheres com foco em literatura. Estes grupos, ou coletivos, funcionam como redes de mulheres que pensam conjuntamente em ações para fomentar a literatura produzida por pessoas que se identificam como sendo do gênero feminino – mulheres cis e trans. Os espaços, pensados para promover maior visibilidade para escritoras, são também pontos de encontro entre afinidades. Nos coletivos, as participantes podem, efetivamente, conhecer o que está sendo produzido por seus pares sem o filtro do cânone ou da grande mídia e, em última instância, sem o filtro do espaço de poder. Neste mecanismo, autoras publicam e expõem seus trabalhos, divulgam ações, conhecem pontos de vista diferentes, assim como conversam entre si, encontrando pontos de convergência entre trabalhos, trocando saberes e fazeres, construindo diálogos que produzem, não raro, novas e perenes parcerias de trabalho, tornando-se leitoras mútuas. Um coletivo literário é, em um enfoque mais amplo, um espaço de empoderamento e resistência, tendo em vista a máxima circulante nestes meios: ser uma mulher escritora, ainda em pleno século XXI, é um ato de resistência.

Este modelo de interação costuma funcionar, também, como um catalisador para que escritoras de diferentes perfis – iniciantes e veteranas, profissionais e amadoras, ativistas ou não, poetisas, romancistas, contistas – encontrem os meios necessários para a consolidação de seus trabalhos e pesquisas. Coletivos promovem antologias, clubes de leitura, oficinas literárias, chamadas para concursos, encontros virtuais e presenciais, simpósios, feiras literárias, saraus, *poetry slams*, leituras beta, chamadas para publicações, entre outras ações.

Existem inúmeros coletivos com foco específico nas escritoras de gênero feminino. Este é o caso das *Marianas*<sup>8</sup>, no Paraná, do *Leia Mulheres*, com uma rede nacional de clubes de leitura<sup>9</sup>, do *Dialeto Materno*<sup>10</sup>, *Vozes Escarlata*, *Clube da Escrita para Mulheres*, *@mariacobogo*<sup>11</sup>, *Enluaradas*, *Escrevíveis*, *Sociedade das Escritoras da Costa do Descobrimento*, do *extremo-sul do Estado da Bahia*, do *Mulheres escritoras de Mato Grosso*, do *No Baú da Vovó*, *Maria Taquara*, de escritoras mato-grossenses, do *Mulheres no Universo da Arte*, entre outros tantos. Aqui, foram elencados aqueles coletivos citados nas entrevistas aplicadas. Dois deles, especificamente, fazem parte do *corpus* desta pesquisa, já que, de dentro destes, partiu o convite para que as autoras participassem: *As Contistas* – criado em 2017, o coletivo conta com 22 escritoras ativas, possui 3 antologias publicadas e interage em canais diversos (*blog*, *Facebook*, *Instagram*, *Youtube*, *WhatsApp*) – e o *Mulherio das Letras* – criado também em 2017 pela escritora Maria Valéria Rezende, e com atuação, sobretudo, no *Facebook*. Possui inúmeras ramificações, como o *Mulherio das Letras São Paulo*, *Paraná*, *Bahia*, *Indígena*, *Ceará*, *Rio de Janeiro*, *Pernambuco*, *Manaus*, entre vários outros, inclusive no exterior, contando, em 2022, com mais de 11 mil participantes<sup>12</sup>.

Ser escritora mulher no Brasil é lutar contra várias invisibilidades. O mercado editorial é muito mais permeável e acolhedor para com o escritor. Se a mulher escritora é parte de alguma minoria social, essas dificuldades se multiplicam (VERUNSCHK, 2022, s. p.).

---

8 <<https://www.coletivomarianas.com>>.

9 <<https://leiamulheres.com.br>>.

10 <Clube de leitura>.

11 5 escritoras de mãos dadas com as palavras, segundo definição de uma das integrantes.

12 Algumas das participantes do *Mulherio das Letras* se repetem em vários núcleos, o que impossibilita uma contagem exata das escritoras integrantes.



## PANORAMA

Dentro do universo acima descrito, as escritoras responderam às seguintes questões:

### Formação e profissão

As escritoras que responderam a pesquisa declararam formação oscilando entre o ensino médio e a graduação – na maioria dos casos – além de mestrado e doutorado. Com a grande maioria das escritoras formadas nas áreas de artes e ciências humanas, porém, com representantes também de outras áreas, configurou-se o panorama que segue, que não leva em conta o grau da formação das escritoras em cada uma das áreas. Secundaristas, graduadas, mestras e doutoras foram abordadas com o mesmo foco, já que o objetivo da questão era o entendimento das áreas de interesse e a atuação das autoras no fazer literário e não o alcance ou vida acadêmica de cada uma delas.

Tabela 1 – Formação e áreas de atuação das respondentes

Formação	Ocorrência
Letras (incluindo biblioteconomia)	23
Pedagogia/Educação (incluindo Ed. Física)	11
Jornalismo/publicidade	10
Medicina (incluindo psicologia e psiquiatria)	10
Direito	4
Artes (cênicas e visuais)	4
Administração (incluindo matemática e gestão)	4
Arquitetura	2
História	2
Segundo grau	3

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao perscrutar a formação das autoras, a pesquisa objetivou mensurar quantas das escritoras considerariam a arte de escrever como profissão. No quesito, não se impôs limitantes quanto ao critério utilizado para tal consideração, seja ele financeiro, de tempo empregado no ofício, ou mesmo quanto à proximidade da escrita da profissão ou formação das entrevistadas.

Desse modo, entre as respostas, professoras, escritoras, desenhistas, produtoras culturais, oficinairas, servidoras públicas, jornalistas, gestoras, advogadas, médicas, psicólogas, publicitárias, editoras, diretoras de criação, trabalhadoras do lar, arquitetas, terapeutas, oficiais de justiça, aposentadas, cartomantes, instrutoras de ioga, empresárias, tradutoras e redatoras puderam acenar, em sua maioria, que se consideram profissionais da escrita, em uma questão aberta que não limitou as respostas à múltipla escolha.

Tabela 2 – Profissionais das letras

É profissional das letras?	Ocorrência
Não	25
Sim	41
Amadora	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Interessante notar que, ainda que várias das escritoras tenham se declarado como “não profissionais”, a grande maioria delas possui livros lançados: com respostas que variam entre 1 e 10 livros (62 autoras), apenas duas das escritoras não lançaram livros até 2022, além de outras quatro que, embora não tenham lançado livros solo, participaram de antologias e revistas literárias.



## Inspiração e dificuldades

A vida, o cotidiano e sua poesia, as memórias, a intertextualidade com linguagens múltiplas, o ser humano com suas relações e angústias, o amor, a natureza, os animais, o desespero humano, saúde mental, narrativas infantis, o indizível, a loucura, a morte, o luto e “o que há depois?”. Ao serem questionadas sobre aquilo que as inspira, as autoras abriram-se para a pesquisa como uma caixa de pandora em uma multiplicidade de interesses que, em última instância, terminou sempre por tanger o humano.

Ainda que universais, muitas das narrativas sobre inspiração – ou sobre a mola propulsora de suas criações – demonstraram dedicar seus focos de interesse criativo a temas sociais, como o combate ao *bullying*, a morte da cultura moderna, a ecologia e o ecossistema, as culturas do planeta, as minorias e sua diversidade, a opressão, a posição do indivíduo diante do humano e do divino, entre outros. Neste viés narrativo com olhar voltado ao social, pululam temas relacionados, sobretudo, às mazelas femininas em um espectro amplo: a vida íntima e social das mulheres, as violências a que estão sujeitas, as experiências do corpo que marcam suas existências – como a maternidade, o crescimento, o envelhecimento –, as *autoficções*, o mundo sob a ótica feminina, a ancestralidade e a pressão estética sobre as mulheres, as masculinidades tóxicas, o machismo e o racismo, etc. Estes foram alguns dos temas apontados.

“Não tenho medo de ser panfletária. Apenas não me calo e a palavra é essa coisa feita para dizer!”, diz a autora Kalina Alessandra Rodrigues de Paiva, uma das entrevistadas.

Inspiração, termo que algumas das participantes rejeitaram, e dificuldades para que o labor literário efetivamente se concretize são forças opostas, porém, atavicamente ligadas. Há um longo caminho entre a ideia



inicial, o ato da escrita e o texto finalizado. Assim, a questão acerca dos temas que movem as escritoras, igualmente, se liga à das dificuldades para que sua obra possa se concretizar. Foi o tempo, ou melhor, a falta deste, um dos obstáculos apontados. Mães, mulheres, profissionais, acadêmicas, as autoras se equilibram no cronômetro para encontrar brechas que permitam a conclusão de seus trabalhos criativos.

Concluir uma obra, entretanto, não significa trabalho finalizado. São necessárias muitas batalhas para que as mulheres saiam da invisibilidade. Outra dificuldade recorrentemente apontada nas respostas – a invisibilidade da mulher e sua necessidade de representatividade no mundo literário – parece ainda ser a questão crucial. Grandes editoras, segundo os desabafos colhidos, publicam pouquíssimos títulos escritos por mulheres. Faz-se necessário que se abra um parêntese: o abismo entre o original escrito e a publicação, aqui nominado invisibilidade, é ainda mais profundo quando se fala de narrativas de mulheres negras. Apontando como seus temas de inspiração a solidão da mulher negra e a discriminação, a escritora Danielle Ferreira Medeiro da Silva de Araújo, docente formada em direito, reflete:

Ainda é um grande desafio para as mulheres negras viverem enquanto intelectuais, é preciso que seus textos sejam divulgados e lidos pela população para se construir uma cultura em que as mulheres negras sejam reconhecidas pelas suas obras, inspirando outras. (ARAÚJO, 2022, s. p.)

Ainda no que se refere às escolhas daquilo que se há ou não de publicar, percebe-se uma espécie de aprisionamento cíclico em todo o modo como se comporta a cadeia do livro no país. Embora as editoras de pequeno e médio porte acolham estas autoras, que nem sempre poderão

ser consideradas como iniciantes, as grandes editoras seguem desprezando suas obras, considerando-as “menores”. Tal escolha, pautada no mercado editorial e no potencial de alcance de leitores das obras eleitas para publicação, segue, deste modo, excluindo autoras do gênero feminino do cânone, das prateleiras das grandes livrarias, das escolhas para leituras consideradas essenciais – como é o caso das listas de leitura para estudantes universitários ou provas de vestibulares –, das mídias e, consequentemente, do conhecimento de um público que pouco ou quase nada lê – outra dificuldade apontada recorrentemente na pesquisa.

### Mulheres lendo Mulheres

Na contramão do ciclo vicioso apontado, a busca por um livro ou, mais especificamente, por um autor ou autora, dá-se claramente por estímulos diversos que não apenas os regidos pelo mercado do livro. Leitores leem aquilo que lhes é indicado por seus pares e amigos na vida cotidiana, bem como a *internet* e os grupos de leitura possuem um importante papel na efetiva realização destas escolhas. É claro que só se pode amar aquilo que se conhece. Assim, os Coletivos de literatura – e aqui abre-se o leque também para os frequentados não apenas por mulheres –, funcionam como uma espécie de biblioteca aberta, com textos sendo sugeridos e publicados total ou parcialmente, ampliando a gama de possibilidades para quem busca a leitura, e, mais do que isso, criando laços de afeto entre leitor(a) e autor(a).

Inqueridas sobre suas escolhas de leitura, as autoras investigadas apontaram para inúmeros nomes de mulheres: Annalu Braga, Adiloo Lopes, Manoela Sawitzki, Elena Ferrante, Larissa Campos, Sarah Winman, Aclyse Mattos, Marly Ferreira, Clarissa Pinkola Estés, Noemi Jaffé, Ana Luiza



Amaral, Pilar Quintana, Marcela Dantès, Katia Sumam, Mari Santos, Ana Maria Lopes, Svetlana Aleksievitch, Helena Machado, Juliana Leite, Carla Madeira, Aline Bei, Vanessa Passos, Sabrina Dalbelo, Márcia Barbieri, Mariana Cardoso Carvalho, Juliana Blasina, Andreia Pires, Aimée Bolanos, Daniela Delias, Brenda Navarro, Nydia Bonetti, Micheliny Verunschik, Silvina Ocampo, Fernanda Callefi Barbetta, Marília Kubota, Sandra Godinho, Wislawa Szymborsk, Carla Corleone, Cinthia Kriemler, Divanize Carbonieri, Henriette Effenberger, Luci Collin, Chimamanda, Lygia Bojunga, Clarice Lispector, Cecilia Meireles, Elizabeth Bishop, Hilda Hist, Ana Maria Machado, Lya Luft, Margaret Atwood e Cho Nam-Joo, entre tantas outras escritoras.

Certamente, inúmeros escritores homens também surgiram entre as escolhas de leitura, como Eça de Queiroz, Mário Sérgio Baggio, Charles Bukowski, Umberto Eco, Caio Fernando Abreu, Oscar Wilde, Gilberto Cunha, Antonio Xerxenesky, Jacob Boheme, Geraldinho Correia, Roger Scruton, Millor Fernandes, Pedro Jucá, apenas para citar alguns. Porém, é perceptível os seguintes fatos: 1. mulheres estão, aparentemente, sendo lidas com maior frequência; 2. mulheres estão incluindo outras mulheres em suas escolhas de leitura.

Aqui, fazem-se necessárias duas observações para que a análise dos dados possa ser considerada livre de ruídos ou julgamentos prévios pela inferência da pesquisadora: 1. as autoras entrevistadas habitam o universo dos coletivos abordados, estimulando-se mutuamente à leitura, por meio de trocas de informações frequentes; 2. o próprio título do questionário pode ser considerado um possível direcionamento para respostas.

Ainda que as respostas possam estar, de algum modo, contaminadas pelo conhecimento de mundo das autoras abordadas, há que se levar em conta a imensa lista - que não se encerra nos nomes citados acima - de au-



toras mulheres produzindo, lendo e sendo lidas em nosso século. Em uma visão sincrônica, podemos afirmar que as escritoras contemporâneas estão avançando na busca da representatividade que as levará à igualdade no almejado espaço de poder canônico? Sim. Prova disso está na escolha da vencedora do Prêmio Nobel de 2022, a escritora e professora francesa Annie Ernaux, bem como, no Brasil, no chamamento para finalistas à edição de 2022 do Prêmio São Paulo de Literatura – categoria romances. Neste ano, de acordo com matéria publicada na revista eletrônica *Publish News*, 65% dos livros concorrentes à grande final são escritos por mulheres.

Entre os finalistas, 13 são mulheres. Ou seja, 65% dos classificados. Nas inscrições, o percentual feminino foi de 37%. No total, a premiação teve a marca recorde de 317 inscritos. Em 2022, o total foi de 281. (A redação – *Publishnews*, s.d, s.p)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivando mensurar o espaço ocupado por escritoras mulheres em nosso século, tendo em vista não só os aspectos sincrônicos – aqueles imediatamente perceptíveis por serem contemporâneos, com produções de texto disponíveis e ao alcance do leitor no momento presente –, como também especulações diacrônicas, prospectam-se cenários de um futuro próximo.

O presente artigo traz aspectos relevantes de uma pesquisa de questões abertas e estruturadas realizada com o auxílio de ferramentas da *internet* (local de abordagem às entrevistadas) mensurando quantitativamente, em um recorte específico, a representatividade da literatura produzida por escritoras cis e trans, sobretudo nas últimas duas décadas no Brasil. A autora entrevistou mais de 60 (sessenta) outras autoras de cidades e estados diversos, produtoras de prosa e poesia em nosso país, pertencentes a estratos so-

cioculturais que, se, por um lado, diferem-se entre si, por outro, convergem para um mesmo ponto: as dificuldades e as alegrias de escrever.

Mais que similaridades reveladas pelas autoras em relação às suas dificuldades quanto à escrita e ao fato de serem mulheres, a pesquisa apontou para o fato de a totalidade das escritoras abordadas indicar a necessidade de resistência, ou melhor, da busca de representatividade em um país onde pouco se lê e onde as escolhas das editoras e outros meios de se chegar ao público leitor ainda se pautam no espaço de poder do cânone e da representatividade masculina.

Embora em um recorte específico e até excludente no que concerne a certos aspectos socioculturais – já que aquelas que atenderam ao chamado da pesquisa habitavam todas, com maior ou menor frequência, os espaços coletivos de literatura na internet –, foi possível compreender a importância da existência desses movimentos de coletividade para o fortalecimento da busca por representatividade feminina nas letras.

Durante a trajetória da pesquisa, entre os aspectos empíricos, os da coleta de material por meio de entrevistas e de revisão de literatura, tornou-se viável perceber que o movimento em direção àquilo que se pode nominar como “a voz da mulher” cresce gradativamente, em uma busca perene de mulheres cada vez mais conscientes do caminho a ser trilhado.

O que se percebe na contemporaneidade, mais que uma força gregária em busca da sonhada ocupação do lugar de poder da literatura, é um avanço na quantidade de nomes de autoras bem-sucedidas em seus ofícios literários: escritoras laureadas, finalistas de importantes prêmios em língua lusófona, acadêmicas, mestras, doutoras, editoras.

Em uma visão sincrônica, resta, claro, o avanço dos resultados das buscas por igualdade de gênero no campo da leitura e os pesquisadores



que porventura venham a abordar este artigo e seus apêndices encontrarão, certamente, um rico material humano, com histórias de vida e depoimentos que permeiam a força motriz da criação literária feminina brasileira.

Em uma prospecção diacrônica, porém, ficará a cargo dos futuros pesquisadores das áreas de Literatura Brasileira, Escrita Criativa, Teoria da Literatura e outras tantas que poderão, quem sabe, testemunhar a conquista daquela voz que, embora um tanto quanto apagada, sempre esteve lá, criativa, competente, relevante e bela, durante os séculos, desde o surgimento da escrita, firmando-se no competitivo espaço de poder que será, sempre, em última instância: a escolha dos leitores e das leitoras.

## REFERÊNCIAS

ABL. Nossa Língua. Nova Palavra. Sororidade. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/sororidade> Acesso em 11. set. 2022.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O Perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ARAÚJO, Danielle F. M. S. de. *Entrevista/depoimento* [out. 2022]. Entrevistadora: Ana Paula Giannini.

AS CONTISTAS. <https://ascontistas.wordpress.com/>. Acesso em 28. nov. 2022.

CARBONIERI, Divonize. *Divina leitura considerações sobre literatura brasileira contemporânea*. Cuiabá/SP: Carlini & Caniato Editorial, 2016-2021.

COELHO, Thalita da Silva. O eco de fantasmas: perpetuação da misoginia no cânone. In: *Revista Estudos Feministas*, Volume 27 – Florianópolis, 2019.



DE CASTRO, Carla Pereira. Memoricídio: o apagamento da literatura de autoria feminina cearense do século XIX. *Simpósio História e Historiografia*. – Fortaleza, 2020.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil: uma primeira abordagem*. UFC, 2021. Disponível em: <https://histhiorografia2020.ufc.br/trabalhos/memoricidio-o-apagamento-da-literatura-de-autoria-feminina-cearense-do-seculo-xix/>. Acesso em 11. set. 2022.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Literatura em Foucault: lugares da Análise do Discurso. *Signótica*, p. 49-62, 2006.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil: uma primeira abordagem. UFC, 2021. Disponível em: <https://histhiorografia2020.ufc.br/trabalhos/memoricidio-o-apagamento-da-literatura-de-autoria-feminina-cearense-do-seculo-xix/>. Acesso em 11. set. 2022.

MORICONI, Ítalo. *Os cem melhores contos do século*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras/Objetiva, 2001.

PEREIRA, Maria do Rosário A Narrativa brasileira de autoria feminina contemporânea: breves apontamentos. *Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación. Ensayos*, n. 107, p. 167-185, 2022.

REDAÇÃO. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2022/09/19/premio-sao-paulo-de-literatura-anuncia-finalistas>. 2022. Acesso em 29. set. 2022.

RIBEIRO, Elisa. *A Perfeição dos Avessos*. Brasília: Editora Folheando, 2022 (no prelo).

ROMANELLI, Marina. *A representatividade feminina na literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2014.

SCHØLLHAMMER, Karl Eric. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

TFOUNI, Fabio Elias Verdiani; SILVA, Nilce da. A modernidade líquida: o sujeito e a interface com o fantasma. *Revista Mal-Estar*, Fortaleza, 2008. Disponível em:



*Revista Metalinguagens*, v. 10, n. 2, Dezembro de 2023, p. 76-100  
Ana Paula Giannini RYDLEWSKI e Maria Paz Pizarro PORTILLA

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482008000100009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482008000100009). Acesso em 10. set. 2022.

VERUNSCHK, Micheliney. *Entrevista/depoimento* [out. 2022]. Entrevistadora: Ana Paula Giannini Rydlewski.

---

Envio: Novembro de 2022.  
Aceito: Outubro 2023.